

Uma pedra de armas oriunda da quinta do Couto, em Refóios do Lima

Manuel Guilherme Vasconcelos^[]*

Neste breve apontamento propomo-nos analisar e contextualizar uma pedra de armas que originalmente se encontrava implantada na fachada da capela da quinta do Couto^[1], na freguesia de Refóios do Lima, pertença de um ramo da notável família Azevedo Gama. Tendo a peça sido removida do seu local de implantação original, é fito destas notas contribuir para restituir ao registo monumental o significado que a ligação à estirpe e casa lhe conferem.

O espécime de arte heráldica em apreço (fig. 1) figura um escudo com características estilísticas conotáveis com o gosto do século XVIII regional; partido, ostenta na primeira pala a representação heráldica dos Azevedo^[2] e no segundo a dos Gama^[3], encimado por elmo virado à sinistra, este sobrepujado de paquife e timbre de Azevedo. Cumpre notar que, segundo o estudioso vianense Luís Figueiredo da Guerra (1853-1931), terá existindo neste local uma outra pedra de armas, pelo mesmo registada em desenho (fig. 2), figurando os apelidos Amorim e Araújo^[4]. Desta segunda representação — se é que sobrevive — desconhece-se hoje, infelizmente, a localização.

Fernão Velho de Araújo, neto de um outro Fernão Velho de Araújo, senhor da torre de Pousada, na freguesia de São Tomé de Vade do termo de Ponte da Barca, foi fidalgo da Casa Real e senhor do paço de Penas, na mesma freguesia de Refóios, por meados do século XVI^[5]; em data incerta contraiu matrimónio com Inês de Amorim Ledo, filha de António de Amorim e de sua mulher Leonor de Antas, esta filha herdeira de Gonçalo de Antas e de sua mu-



— Fig. 1

Pedra de armas oriunda da quinta do Couto, hoje no espaldar de um tanque na quinta do Paço em Freiriz, termo de Vila Verde. Fotografia do autor.



— Fig. 2

Desenho de uma segunda pedra de armas existente na quinta do Couto pelo início do século XX, entretanto desaparecida, pela pena de Luís de Figueiredo da Guerra. AMVC.

Iher Inês Fernandes Ledo — senhores que a seu tempo foram do paço de Jozim em Gondufe^[6]. Eram seus pais Tristão de Araújo e Azevedo e Isabel de Aguiar da Gama^[7], tendo sido por via deste casamento que se uniram sanguineamente os destinos das famílias Araújo e Gama memoriadas pela pedra de armas acima descrita.

Do tronco familiar assim constituído brotaram, com o correr do tempo, diversos armigerados que habitaram na Ribeira Lima e usaram escudos de armas em cuja composição entraram os apanágios das famílias Azevedo e Gama. De entre estes podemos referir Joaquim de Azevedo de Araújo e Gama, nascido a 14 de Agosto de 1833 na freguesia de Cerdal, Valença, que usufruiu de carta de brasão de armas para os apelidos de Araújo, Azevedo e Gama e veio a ser o 1.º visconde da Torre das Donas, falecendo a 30 de Agosto de 1883 na freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo^[8], casado que foi com Maria Emília

de Barros Lima do Rego Barreto; Gaspar de Azevedo Araújo e Gama, com carta de brasão de armas para os apelidos Araújo, Azevedo, Vasconcelos, Gama, 1.º visconde de São Paio dos Arcos, fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 15 de Julho de 1797, membro do conselho de Sua Majestade por carta régia de 15 de Junho de 1853, comendador da Ordem de Cristo, governador civil de Viana, sargento-mor das ordenanças dos Arcos por patente de 24 de Abril 1815, casado que foi com Emília Delfina Barreto da França^[9]; ou ainda Bernardino de Azevedo da Gama, casado com Antónia Maria Brandão e Vasconcelos, filha do Dr. Pedro Marinho Falcão e de sua mulher Maria Brandão de Vasconcelos, edificadores do exuberante portal armoriado da casa e quinta da Boavista em Moreira do Lima em 1704^[10]. Entre o rol acima elencado contou-se também Luís da Gama de Azevedo^[11], bisneto de Baltazar (ou Belchior) da Gama de Azevedo de Araújo e trineto do segundo Fernão Velho de Araújo, acima referido, fidalgo de geração, senhor da casa e quinta do Couto, que viveu nos finais do século XVI. Foi este casado com Isabel Rebelo São Miguel, oriunda da casa de Ferreira em Faldejães, na freguesia de Arcozelo do termo de Ponte de Lima — por sua vez filha de Gaspar de São Miguel e de sua mulher Ana de Amorim ou Catarina Pacheco^[12].

Não achamos no Registo Geral da Mitra Bracarense qualquer documento relativo ao licenciamento, fábrica ou bênção do altar da capela desta propriedade, como aliás é o caso para as demais capelas de fundação particular no termo do antigo couto monástico de Refóios. Dos assentos paroquiais compulsados pelo padre João Gomes na sua recente monografia da freguesia extraímos, contudo, que a 23 de Setembro de 1791 aí nasceu uma filha de Luís da Gama, de nome Joana Gabriela, baptizada a 30 do mesmo mês na igreja do mosteiro dos Cónegos Regrantes aí sito; um ano depois a 24 de Novembro de 1742 e com autorização do D. Prior Prelado, um filho do mesmo casal de nome Domingos José é dado como tendo sido baptizado na capela da quinta do Couto^[13]. Considerando estes dados, e a data provável da pedra de armas, é de admitir que tenha sido o referido Luís da Gama o fundador da capela da casa do Couto, e encomendante da pedra de armas que é objecto deste artigo.

São-nos pouco claros os trâmites seguidos pela propriedade do Couto entre as últimas gerações da família Gama Araújo e os inícios do século XX. Certo é que o texto legendando uma fotografia do arruinado portão da propriedade

nas páginas do *Almanaque illustrado de “O Commercio do Lima”* de 1924 nos dá notícia de que à data o conjunto senhorial já se encontrava em ruínas, e da fachada da capela da casa havia sido “retirado o lindo brasão, que um antigo taberneiro de Freiriz [...] adquiriu e levou para a sua propriedade”^[14].

É efectivamente nos jardins do notável paço de Freiriz, na freguesia epónima do termo de Vila Verde, que a vamos hoje encontrar, embutida no espaldar de um tanque de recreio. Já o referido “taberneiro” era na verdade, ao que tudo nos indica, Charles Frederick Chambers, casado que foi com Olinda Andersen Chambers, filha de João Henrique Andresen (Jann Hinrich Andresen, na forma original do seu nome, nativo de Oevenum, Ilha de Föhr, Dinamarca), grande negociante e exportador de vinho do Porto, além de — ao que apuramos — coleccionador de arte e antigualhas^[15]. Foi sua filha Dora Andresen Chambers, nascida a 19 de Agosto de 1895 e baptizada 12 de Setembro do mesmo ano^[16], quem acabou por vender a propriedade de Freiriz aos seus actuais possuidores^[17].

A quinta de Freiriz, onde a peça em apreço veio assim a repousar, possui ela própria foros de antiga nobreza, se bem que completamente desconexos das linhagens acima tratadas. As suas origens remetem-nos para João Nunes do Gafanhão, florescente entre 1485 e 1525, também conhecido por João Nunes Cardoso de Gouveia e João Nunes do Quintal, filho que foi de Fernão Nunes Cardoso e de Aldonça Nunes Cardoso — membros de um grupo familiar aliás já a florado nas páginas desta publicação^[18]. Mercador, escudeiro fidalgo da casa real, cavaleiro da casa real e cavaleiro da Ordem de Cristo, foi residente em Aveiro^[19]; a 30 de Dezembro de 1497 comprou os coutos de Freiriz e Penegate ao conde de Penela, Afonso de Vasconcelos e Meneses, pelo preço de 180.000 reais brancos^[20]. Os domínios de Freiriz e Penegate foram subsequentemente deixados em morgadio a Fernão Nunes Barreto, filho mais velho do seu primeiro casamento, contraído com Leonor Gomes Barreto^[21]. A propriedade seguiu na posse da família ao longo de mais de quatro séculos até à sua aquisição pelo sobredito Charles Frederick Chambers, na sequência da dissolução do regime vincular decretada na segunda metade do século XIX.

Enquanto legado expressivo de épocas passadas, uma pedra de armas comporta forçosamente uma conotação cultural; na qualidade de instrumento comunicante da memória colectiva, assiste-lhe ainda um valor histórico con-

creto, relevante não apenas para o indivíduo ou família que identifica mas para a comunidade em geral. Concomitantemente, ela faz quase sempre parte de um todo artístico-monumental, sem o qual não é legível na plenitude do seu significado; trata-se assim de “parte integrante da unidade arquitectónica, e no plano social [...] um elo de ligação simbólica da Casa à respectiva Família”^[22]. Neste sentido, os desenraizamentos e/ou descontextualizações a que tais peças estão sujeitas, fruto de vicissitudes várias da sua história, configuram invariavelmente actos de rasura ou mutilação, originando rupturas entre passado e presente e descontinuidades na leitura do tecido sócio-cultural alargado a que dão voz.

Simultaneamente, é um facto inescapável que tais incidentes fazem eles mesmos parte da história longa em que a expressão heráldica se insere, e devem ser encarados com naturalidade enquanto fruto da sua valorização continuada, constituindo artefactos de qualidade artística, prestígio e identidade. É nossa esperança, tão-somente, que os elementos reunidos nestas páginas possam contribuir, na pequena escala da historiografia local, para reatar alguns dos sentidos que assistiram à peça aqui tratada, reinserindo-a no contexto comunicativo — familiar e social — para o qual foi concebida pelos promotores da sua execução.

[*] Investigador independente; membro da Associação Portuguesa de Genealogia e do Instituto Português de Heráldica.

[1] Dada a ausência de documentação relativa ao licenciamento e visitas desta capela, a que adiante aludimos, a interrupção do culto e a perda do seu recheio já há bastantes décadas, foi-nos impossível descortinar a sua invocação.

[2] Do ramo de São João de Rei, a saber: escudo esquartelado, sendo o 1.º e 4.º quartel de ouro, com uma águia estendida de negro, e o 2.º e 3.º de azul, com cinco estrelas de seis pontas de prata postas em sautor, e bordadura de vermelho carregada de oito aspas de ouro. *Vd.* por exemplo Guilherme Luís dos Santos Ferreira, *Armorial português*, Livraria Universal, 1920, vol. 1, p. 34, e vol. 2, p. 13. Apresentam-se aqui estas armas com duas irregularidades: a ordem dos quartéis está in-

vertida, e não se representa a bordadura acima descrita.

[3] Do ramo de Olivença, a saber: xadrezado de ouro e de vermelho de três peças em faixa e cinco em pala, as de vermelho carregadas de dois filetes de prata postos em faixa; *id.*, vol. 1, p. 149, e vol. 2, p. 52.

[4] AMVC, Fundo Luís de Figueiredo da Guerra, mç. 885, doc. sem cota atribuída.

[5] Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário de famílias de Portugal* [2.ª ed., fac-símile da 1.ª], Braga, ed. Carvalhos de Basto, 1989, vol. 2, p. 32 (tt.º de Araújo, § 32, N 22); *vd.* também P.º António Carvalho da Costa, *Corografia portuguesa, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, vol. 1, p. 237.

[6] Gaio, *Nobiliário...*, vol. 1, p. 371 (tt.º de Amorins, § 5, N 5); para um tratamento

detalhado da história genealógica do paço de Jozim *vd.* Miguel Ayres de Campos Tovar, *A freguesia e antigo couto de Gondufe*, Ponte de Lima, Junta de Freguesia de Gondufe, 2025, pp. 181-189.

[7] Gaio, *Nobiliário...*, vol. 2, p. 34 (tt.º de Araújo, § 35, N 23).

[8] Afonso Eduardo Martins Zúquete, dir., *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. 3, Lisboa, Edições Zairol, 1960, pp. 443-444.

[9] *Id.*, p. 347; figura também tratada no manuscrito de José Cândido Gomes *As terras de Valdoz, memórias históricas, descrições, arqueológicas, estatísticas, genealógicas e biográficas*, vol. 3, np.; de presente em colecção particular, trata-se de um repositório bastante mais extenso e variado do que aquele que o autor deu à estampa sobre o mesmo título, possuindo nós dele uma reprodução.

[10] São esclarecedores, a propósito da genealogia desta casa, uns apontamentos inéditos da autoria do seu descendente Miguel da Gama Linhares hoje em posse do Eng.º Adolfo da Costa Azevedo, a quem agradecemos a partilha do seu teor; sobre este portal, *vd.* Maria Amélia da Silva Paiva, *As portadas na arquitectura civil do concelho de Ponte de Lima: estruturas, funções e significados*, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2011, p. 115.

[11] Gaio, *Nobiliário...*, vol. 4, pp. 542-543 (tt.º de Costas, § 36, N 12).

[12] *Id.*, vol. 1, p. 381 (tt.º de Amorins, § 5, N 6).

[13] Dada a inexistência no Arquivo Distrital de Viana do Castelo dos assentos paroquiais referentes a Refóios do Lima para o período em análise, remetemo-nos para as datas referidas pelo pelo P.º João Baptista da Silva Gomes na sua recente monografia *Uma visita a Refóios do Lima*, Junta de Freguesia de Refóios do Lima, 2019, p. 119.

[14] “Casas, castelos e solares da Ribeira Lima”, in *Almanaque ilustrado de “O Comercio do Lima”*, n.º 6, 1924, p. 117. As fotografias apresentadas sob esta rubrica através do volume pretendem complementar o artigo anónimo “Casas e famílias nobres de Ponte de Lima”, que corre a pp. 270-276.

[15] Informação do Dr. José António da Mota Alves, a quem agradecemos.

[16] ADP, Paróquia da Maia, Baptismos 1901, ass. 39, fl. 21.

[17] Informação da actual proprietária, Sr.ª Matilde Brandão, a quem agradecemos.

[18] Alice Borges Gago, “‘...grande casa de muita gente, escravos e dois capelães’: contributos tardo-medievais para o conceito de *casa*”, in *Forum limicorum: caderno de estudos limianos*, n.º 1, 2024, pp. 91-105.

[19] *Ead.*, *Arquivos e práticas arquivísticas de famílias de elite (Portugal, séculos XV-XVII)*, dissertação de doutoramento em História, História, na especialidade de Arquivística Histórica, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1992, vol. 2, pp. 124-127.

[20] *Ibid.*, p. 127; *vd.* também Manuel Abranches Soveral, “Meirelles Barreto de Moraes das Casas do Pinheiro de Cête, de Sermanha de Sedielos e do Outeiro de Mouriz”, in *Raízes e memórias*, n.º 14, 1998, pp. 25-45: 30-31.

[21] Fernão Nunes Barreto, que era moço de câmara em 1508 e escudeiro cavaleiro em 1515, foi fidalgo cavaleiro da casa real, e montou ao cargo de almoxarife dos armazéns e tercenças do Porto no ano de 1522-1523. Contraído o seu matrimónio com Isabel Ferraz, terá morado no paço de Freiriz, visto que aqui nasceram alguns filhos seus. Foi o caso de D. João Nunes Barreto, em 1511, que recebeu ordens menores em 1522, seguidas de formatura em Cânones, vindo em 1555 a ser o primeiro Patriarca da Etiópia, e o primeiro prelado Jesuíta (ordem em que ingressara em 1545). Em 1531, o mesmo fidalgo iniciou o tombo de Freiriz, que nos permite verificar a delimitação da devesa e quinta em 1534; mais sabemos que em Outubro de 1532 instituiu com sua mulher uma capela, para a qual o casal dotou as suas terças das quintas e couto de Freiriz e Penegate. *Vd.* Gago, *Arquivos e práticas arquivísticas...*, vol. 2, p. 128-129.

[22] Armando Malheiro da Silva, Luís Pimenta de Castro Damásio e Fernando José Queiroga Fernandes, *Casas armoriadas do concelho dos Arcos de Valdevez: subsídios para o estudo da nobreza arcoense*, vol. 4, Arcos de Valdevez, Câmara Municipal, 1996, p. 16.

Abreviaturas utilizadas

ADB — Arquivo Distrital de Braga
ADP — Arquivo Distrital do Porto
AMVC — Arquivo Municipal de Viana do Castelo

Fontes e bibliografia

Fontes Manuscritas

ADP, Paróquia da Maia, Baptismos 1901
AMVC, Fundo Luís de Figueiredo da Guerra, mc. 885, doc. sem cota atribuída
José Cândido Gomes, *As terras de Valdovez, memórias históricas, descritivas, arqueológicas, estatísticas, genealógicas e biográficas...*, coleção particular, sem cota atribuída, vol. 3

Bibliografia

“Casas, castelos e solares da Ribeira Lima”, in *Almanaque ilustrado de “O Commercio do Lima”*, n.º 6, 1924, p. 117
Costa, P.º António Carvalho da, *Corografia portuguesa, e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, vol. 1, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1706
Ferreira, Guilherme Luís dos Santos, *Armorial português*, Lisboa, Livraria Universal, 1920, 2 vols.
Gago, Alice Borges, *Arquivos e práticas arquivísticas de famílias de elite (Portugal, séculos XV-XVII)*, dissertação de doutoramento em História, História, na especialidade de Arquivística Histórica, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1992, 2 vols.
—, “‘...grande casa de muita gente, escravos e dois capelães’: contributos tardo-medievais para o conceito de casa”, in *Forum limico-rum: caderno de estudos limianos*, n.º 1, 2024, pp. 91-105
Gaio, Manuel José da Costa Felgueiras, *Nobiliário de famílias de Portugal* [2.ª ed., fac-símile da 1.ª], Braga, Carvalhos de Basto, 1989, vols. 1, 2, 4

Gomes, P.º João, *Uma visita a Refóios do Lima*, Refóios do Lima, Junta de Freguesia, 2019

Paiva, Maria Amélia da Silva, *As portadas na arquitectura civil do concelho de Ponte de Lima: estruturas, funções e significados*, Ponte de Lima, Município de Ponte de Lima, 2011

Silva, Armando Malheiro da; Damásio, Luís Pimenta de Castro; Fernandes, Fernando José Queiroga, *Casas armoriadas do concelho dos Arcos de Valdevez: subsídios para o estudo da nobreza arcoense*, vol. 4, Arcos de Valdevez, Câmara Municipal, 1996

Soveral, Manuel Abranches, “Meirelles Barreto de Moraes das Casas do Pinheiro de Cête, de Sermanha de Sedielos e do Outeiro de Mouriz”, in *Raízes e memórias*, n.º 14, 1998, pp. 25-45

Tovar, Miguel Ayres de Campos, *A freguesia e antigo couto de Gondufe: apontamentos para uma monografia histórica*, Ponte de Lima, Junta de Freguesia de Gondufe, 2025
Zúquete, Afonso Eduardo Martins, dir., *Nobreza de Portugal e do Brasil*, vol. 1, Lisboa, Edições Zairol, 1960